



VII ALAP Congreso de la Asociación
Latinoamericana de Población
XXABEP Encontro Nacional de Estudos
Populacionais

Unidad y diversidad de los procesos demográficos:
desafíos políticos para América Latina y el Caribe
en perspectiva internacional comparada

Unidade e diversidade dos processos demográficos:
desafios políticos para a América Latina e o Caribe
em perspectiva internacional comparada

Análise socioeconômica de aglomerados subnormais do município do Rio de Janeiro com foco na população negra

Palavras-Chave: Território. Aglomerados Subnormais. Censo Demográfico 2010.

Wanderson Suzart da Costa *

* Mestre em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais (ENCE).

** Trabalho apresentado no VII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Foz do Iguaçu/PR – Brasil, de 17 a 22 de outubro de 2016.

Obs.: O IBGE está isento de qualquer responsabilidade pelas opiniões, informações, dados e conceitos emitidos neste artigo, que são de exclusiva responsabilidade do autor.

1. RESUMO

As desigualdades de cor ou raça são partes estruturantes da desigualdade social brasileira. Nas últimas décadas, tem-se buscado uma melhoria nas condições de habitação da população do país e no uso ordenado do seu território. Porém, ainda é perceptível a diferença social entre brancos e negros, especialmente no que diz respeito aos domicílios localizados em aglomerados subnormais, ou seja, favelas, comunidades e assemelhados. O objetivo desse artigo é traçar um perfil das condições de vida e uso do território da população negra no município do Rio de Janeiro, tendo como foco os aglomerados subnormais, a partir de dados do Censo Demográfico 2010 do IBGE. As análises evidenciaram uma baixa escolaridade entre a população negra, além de uma desigualdade considerável desta população em relação à população branca, inclusive no tocante à questão da renda domiciliar per capita no município, onde as menores rendas eram as da população negra. Entretanto, na Rocinha observou-se um cenário diferente, pois a população negra apresentou uma renda domiciliar per capita maior do que a população branca. Mesmo assim, é persistente a existência de uma discrepância muito grande entre os indicadores para a população branca e aqueles para a população negra, ainda que seja num meio supostamente mais homogêneo como as favelas.

Palavras-Chave: Território. Aglomerados Subnormais. Censo Demográfico 2010.

2. INTRODUÇÃO

O constante confronto no uso do território é um traço marcante do cotidiano metropolitano contemporâneo. As “favelas”, “comunidades” ou “aglomerados subnormais” (denominação adotada oficialmente pelo IBGE a partir do Censo Demográfico de 1991) estão presentes nos cenários das grandes cidades brasileiras, disseminadas principalmente no tecido urbano. Essas localidades expressam, dentro de um fenômeno antigo, um problema social que requer um tratamento político institucional específico condizente com sua real necessidade.

No Brasil, encontramos vários tipos desses assentamentos habitacionais que expressam especificidades de uma geografia que gera confrontos de territorialidades.

Apesar da aparente homogeneidade desses assentamentos estarem rotulados como “território da pobreza urbana”, encontram-se, nesses locais, processos e formas de organização do espaço geográfico em diferentes escalas.

Notadamente, verifica-se, no espaço das cidades brasileiras, um crescimento de diversas modalidades de assentamentos habitacionais que podem ser considerados como expressões de uma segregação urbana. A formação desses assentamentos, geralmente, tem sido decorrente da invasão de terras públicas ou privadas, em condições precárias, com características perversas e predominantemente ocupadas historicamente pela população preta ou parda. Segundo Leeds e Leeds (1978, p. 186-201) os assentamentos, habitualmente batizados como “favelas”, caracterizaram-se pela pouca disponibilidade de infraestrutura e serviços públicos, além de um território agregado de pessoas e casas geralmente cercadas por espaços vazios, “embora não necessariamente sem utilização”. Em suma, como resume Leeds, essas localidades se constituem como “pontos nodais de interação” altamente organizados, com laços de parentesco muito próximos e relação de amizade muito mais contundente.

Considerando-se a necessidade de se analisar os diferenciais socioeconômicos nas diversas porções do território, principalmente nas localidades mais precárias onde a urbanização das favelas faz-se necessária pela lógica do progresso dos municípios.

Os aglomerados subnormais ou favelas, identificados nesses espaços urbanos, são territórios, comumente, desprovidos de serviços públicos, encontrados em outros espaços da metrópole, o que prejudica a ordem urbana e delimita a atuação do poder público. Além disso, as favelas redefinem uma reconfiguração da organização do espaço geográfico urbano em diferentes escalas e relação social.

Especificamente, as favelas da Rocinha e do Jacarezinho vêm redefinindo seus conteúdos e funções e respondendo, de forma distinta, aos desafios e dilemas trazidos pelas mudanças da atuação do Estado em seu território nos últimos anos.

Segundo Valladares (2000), a história social das favelas a partir de diferentes representações construídas por diversos atores sociais resgata o fato de uma relação direta entre os radicais governantes e os moradores de favelas no final do século XIX e início do XX. E justamente essas mudanças do uso do espaço urbano podem ser refletidas nas análises de dados das áreas de ponderação¹ da Rocinha e do Jacarezinho, onde acredita-se que suas especificidades demográficas possam refletir um dinamismo

¹ “Define-se área de ponderação como sendo uma unidade geográfica, formada por um agrupamento de setores censitários, para a aplicação dos procedimentos de calibração das estimativas com as informações conhecidas para a população como um todo.” (IBGE, 2010, p. 23)

econômico e social do município do Rio de Janeiro e mostrar o grau de segregação socioespacial imposto sobre seus territórios, ilustrando novos desafios e ampliando as perspectivas da redefinição do papel do Estado na égide da reestruturação desse espaço urbano.

Oliveira, Ajara e La Croix (2006, p. 131) sugerem que essa nova forma de organização do espaço urbano facilita uma aparente homogeneidade social dentro da favela, disfarçando os vários problemas sociais encontrados nesse espaço urbano. Justamente, esse encontro de um espaço industrial precarizado – Jacarezinho – com um espaço explorado pela lógica do mercado imobiliário e situação privilegiada dentro do município – Rocinha – faz com que esse artigo analise os dados, observe diferenças entre essas localidades e lance hipóteses de investigação no intuito de buscar conhecer melhor o perfil desses territórios, sem alçar conclusões definitivas.

Para Davis (2007, p. 27), a seleção da habitação da população negra ou pobre, em sua maioria, exige um “cálculo complexo e confuso”. Para o autor, a população pobre prioriza a localização mais próxima ao trabalho em prol da segurança pessoal. Portanto, para muitos moradores pobres ou negros, o mais valioso seria a localização próxima ao seu trabalho ao invés da qualidade ou custo de sua habitação. Para esse grupo de pessoas, a oferta de terra mais barata compensa os grandes deslocamentos diários, mesmo que isso provoque uma queda da qualidade de vida.

Segundo Oliveira (1985, p. 19), apesar dos problemas sociais e da precarização do espaço urbano em diferentes escalas, a favela também é um espaço urbano onde pode-se registrar a valorização crescente do espaço interno das favelas. Para a autora, é evidente que as favelas não estão imunes ao processo de valorização e especulação imobiliária que atingem os grandes centros urbanos. Porém, esse processo de valorização não se dá por uma forma indiscriminada. Observa-se que algumas apresentam um constante crescimento econômico, caso da Rocinha. Já outras favelas permanecem praticamente estagnadas ou se deterioram, caso do Jacarezinho.

Nas palavras de Oliveira, Ajara e La Croix (2006, p. 136), enquanto a Rocinha apresentava uma expansão populacional contínua em consonância com seu crescimento econômico nas últimas décadas, a comunidade do Jacarezinho, que antes era tratada como “ilha cercada de fábricas” praticamente consolidada, hoje experimenta uma estagnação econômica e uma degradação considerável de seu espaço urbano. Em suma, segundo os autores, a Rocinha tirou vantagem do seu lócus privilegiado por ser contígua

a moradias de classes mais abastadas e conter uma demanda de ofertas de trabalho, assumindo assim, uma função econômica mais voltada ao comércio e a prestação de serviços. Entretanto, o Jacarezinho sofreu uma precarização do seu espaço industrial ao longo dos anos que culminou ao fechamento de fábricas, a diminuição das oportunidades de trabalho e o conseqüente empobrecimento de sua população.

Dessa forma, Rocha (2005, p. 19) afirma que a geografia física das favelas, com sua densidade de casas muito próximas entre elas, além dos acessos estreitos que acabam dificultando a circulação interna de veículos, teria contribuído para o surgimento de um movimento de associações de moradores e para a formação de uma rede de solidariedade entre essa população local. Este tipo de movimento social provoca uma resistência à interferência externa e poder de decisão.

Seguindo o lema do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos², órgão da prefeitura do Rio de Janeiro, “a melhor forma de transformar uma realidade é conhecê-la nos seus detalhes”. Com esse objetivo que esse artigo buscou uma análise extensa e minuciosa dos dados do Censo Demográfico 2010. Busca-se também verificar se as desigualdades raciais também se fariam presentes nesses espaços ou não e quais seriam os seus contornos.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

O termo popular “Favela” teve origem na cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX. Os primeiros assentamentos eram chamados de "bairros africanos", onde principalmente ex-escravos sem terras e sem opções de trabalho iam morar.

Desde o surgimento do primeiro aglomerado do gênero no final do século XIX, as favelas do município do Rio de Janeiro, assim como a população que nela reside, têm sido objeto de estigmatização por parte da sociedade abrangente. Tratados como um problema social, os governos passados visavam simplesmente a sua eliminação através da remoção para lugares mais distantes do centro e da zona sul da cidade. Muitos estudos e pesquisas foram realizados com o intuito de analisar esse espaço urbano sob os mais diversos ângulos. O fato é que, até as décadas de 1950 e 1960, não se pode dizer que houve uma separação/exclusão muito nítida desses espaços da convivência com a sociedade na qual estava inserida.

² http://portalgeo.rio.rj.gov.br/_pcontrole/sisbann/abrebanner.asp?getcod=180

No Brasil, esses tipos de assentamentos habitacionais são consequências, principalmente, da má distribuição de renda, do processo migratório e do déficit habitacional no país, devido à dificuldade histórica do poder público em criar políticas habitacionais adequadas para a população mais pobre.

No Rio de Janeiro, esses espaços urbanos precários, no começo, eram basicamente constituídos por negros que, após a abolição, foram excluídos do projeto da nova nação republicana que se iniciava. Portanto, mesmo após a assinatura da Lei Áurea, a pobreza e a marginalidade faziam parte da condição de negro, mesmo com a liberdade declarada.

Apesar das melhorias nas favelas com o passar dos anos, o acesso a serviços públicos ainda é muito precário. Esse tipo de segregação urbana é um fenômeno que se observa em vários países no mundo. Esse fenômeno pode ser oriundo de uma condição socioeconômica desfavorável e pode ocorrer de uma forma velada, direta ou clara.

O conceito de aglomerados subnormais vem sendo utilizado pelo IBGE, inalteradamente, desde o Censo Demográfico de 1991, buscando sempre compreender a heterogeneidade das unidades habitacionais “irregulares” existentes no Brasil com sua variedade de denominações: favela, invasão, grota, baixada, comunidade, mocambo, palafita, etc.

Sua compreensão é fundamental para a análise das figuras e tabelas que serão dispostos no decorrer deste artigo.

4. OBJETIVO

Com foco na população negra residente em favelas no município do Rio de Janeiro, esse artigo visa traçar um perfil da população residente nessas áreas a partir dos dados do Censo Demográfico de 2010, baseado nas características relacionadas às condições de vida dessas populações. Desse modo, busca obter informações sobre a diversificação da organização do espaço, da infraestrutura e seus respectivos níveis de formalização. Por conseguinte, pretende-se analisar alguns desses territórios e suas nuances, entendidos pelo IBGE atualmente como aglomerados subnormais, através de algumas variáveis sociodemográficas e no tempo, com foco nas populações que formaram a origem das favelas cariocas, a população negra, ou preta e parda, segundo os mesmos dados do IBGE.

5. JUSTIFICATIVA

O município do Rio de Janeiro é constituído por uma variedade de territórios que apresentam modos de vida distintos e exprimem relações com diversidades políticas, culturais, econômicas, ambientais e sociais. Esse cenário favorece a construção de espaços não propícios a moradias adequadas, gerando assentamentos habitacionais com baixos níveis de qualidade de vida e que denotam a necessidade de políticas habitacionais que atendam à demanda por moradias salubres dentro do tecido urbano.

O município do Rio de Janeiro é aquele que apresenta a maior população residente em aglomerados subnormais no Brasil. Ou seja, 22,1% dos 6.320.446 moradores do município habitam os chamados aglomerados subnormais.

A escolha neste artigo por esse município se deu justamente por propiciar um estudo que apresenta aspectos relevantes da realidade brasileira contemporânea que, apesar do crescimento econômico, apresenta diferenças estruturais que ainda persistem nesses assentamentos habitacionais. Baseado nessa preocupação, buscou-se identificar as diferenças de infraestrutura urbana e outros indicadores que evidenciam a diversidade social espalhada pelo município.

6. MATERIAL E MÉTODOS

Os resultados apresentados nesse artigo foram obtidos a partir dos microdados do Censo IBGE 2010 e estão sob a forma de informações, segundo as malhas digitais de áreas de ponderação definidas pelo IBGE, separando os aglomerados subnormais e demais setores do município do Rio de Janeiro. As informações estão disponibilizadas como tabelas e figuras.

O Censo Demográfico de 2010 do IBGE foi utilizado como fonte de informações para a elaboração de indicadores associados a características dos domicílios e das pessoas em termos de cor ou raça, sexo, faixa etária de idade, escolaridade, renda, ocupação e atividade profissional. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, composta pelo levantamento bibliográfico do material já produzido sobre o tema, seguido de uma seleção de textos para a leitura e fichamento de alguns artigos considerados relevantes.

Mapas estatísticos, gerados em um primeiro momento, utilizaram uma base cartográfica oficial do município do Rio de Janeiro onde foi possível delinear os limites

administrativos das áreas de ponderação vigentes no Censo Demográfico 2010. Através dos arquivos “shapefiles”, disponíveis na Diretoria de Geociência – DGC do IBGE, permitiu-se estruturar e produzir informações de natureza cartográfica. Esse mapa foi utilizado como apoio para identificar as áreas de ponderação, utilizadas no Censo Demográfico de 2010, como um elemento norteador para elaboração da pesquisa.

Os microdados, utilizados nessa pesquisa, consistem na menor fração de desagregação dos dados relacionados à pesquisa do Censo Demográfico. A partir da agregação desses dados censitários que é possível constituir a informação. Lembrando que esses dados encontram-se criptografados para preservar o sigilo desses dados gerando uma não identificação da pessoa ou domicílio. Nos microdados do universo, o menor nível de agregação geográfica identificável é o setor censitário.

Já no caso dos microdados da amostra, o menor nível geográfico de identificação é a área de ponderação, formada por um agrupamento de 8 a 10 setores censitários contíguos, onde foi feita a aplicação dos procedimentos de calibração dos pesos dos domicílios e moradores da amostra.

A priori, foram selecionados para estudos detalhados, os aglomerados subnormais da Rocinha e do Jacarezinho, com produção de indicadores selecionados para o universo destas populações. As razões que levaram a esta escolha dessas localidades se devem ao fato de serem aglomerados densamente povoados e situados em regiões distintas do município, o que pode incorporar na análise diferenças socioeconômicas e geográfico-espaciais distintos.

A partir dos dados extraídos deste Censo, a pesquisa permitiu um mapeamento detalhado do município, considerando especificamente as favelas e não favelas. Nesta parte do artigo são apresentadas as informações sobre as duas favelas selecionadas, Rocinha e Jacarezinho, e faz-se uma comparação entre estas, além do conjunto de favelas do município como um todo.

Serão tratados, durante esse artigo, alguns termos próprios e propícios às análises dos dados apresentados. Termos como “favela” e “não favela” que facilitarão o entendimento nos resultados apresentados.

Para as análises deste artigo, foram desconsiderados os valores dos setores especiais (quartéis, penitenciárias, alojamentos, asilos, etc.), assim como os grupos de cor ou raça amarelos, indígenas e sem declaração, pela baixa representatividade no universo da população.

Para as análises deste artigo, será analisado somente o universo restrito dos grupos de cor ou raça de “brancos”, representados pela população branca, e os “negros”, que serão representados pelas populações de pretos e pardos.

A partir desse contexto supra citado, o mapa-base foi georreferenciado através dos softwares ArcGIS 10.1 e Quantum GIS 2.8.1.

As informações estatísticas a respeito destas áreas de ponderação, provenientes da base territorial do Censo Demográfico 2010, foram acessadas e tabuladas por meio dos softwares R, SAS Enterprise Guide e SPSS.

Vale ainda ressaltar que os resultados obtidos neste artigo estão fundamentados nos microdados da amostra do Censo Demográfico de 2010 disponibilizado pelo IBGE. Por se tratar de dados amostrais, existe uma medida de erro estimada que incide sobre as estimativas obtidas. Detalhes da metodologia amostral do Censo podem ser encontrados na publicação Metodologia do Censo Demográfico 2010 (2013). As estimativas de erros-padrão foram divulgadas na publicação dos Resultados Gerais da Amostra (2010).

7. DADOS HISTÓRICOS

Como dito no decorrer dessa pesquisa, os aglomerados subnormais são usualmente conhecidos como “favelas” no município do Rio de Janeiro. E essa descrição, será muito utilizada nesse artigo durante as análises descritivas.

Para uma melhor contextualização do tema, mostraremos aqui algumas nuances das desigualdades raciais historicamente encontradas no país.

Conforme os dados dos censos Demográficos, a distribuição da população brasileira, segundo a cor ou raça declarada, vem apresentando algumas mudanças no cenário nacional. Observa-se na figura 1, utilizando apenas a distribuição percentual da população de cor branca, preta e parda, um comportamento contundente até o Censo de 1940, onde a população branca apresentava um aumento constante desde o primeiro Censo Demográfico de 1872, enquanto as populações pardas e pretas apresentavam quedas em seus índices.

Este comportamento é bastante similar ao apresentado por Costa Pinto (1953, p. 71) à época de sua obra, onde era possível constatar um “branqueamento” da sociedade brasileira no período logo após a abolição da escravatura e início da República até o Censo Demográfico de 1940.

Já a partir do Censo de 1950, esse cenário muda bastante. A população branca começa a declinar ao longo dos censos, enquanto a população parda tem um crescimento considerável até o Censo de 2010. Porém, as exceções de ambas as populações ocorreram no Censo de 2000 onde houve uma pequena inversão nesses comportamentos, gerando um comportamento um tanto intrigante e peculiar. Já para esse período pós Censo de 1940, a população preta continuou apresentando uma queda constante e com um leve crescimento nos dois últimos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

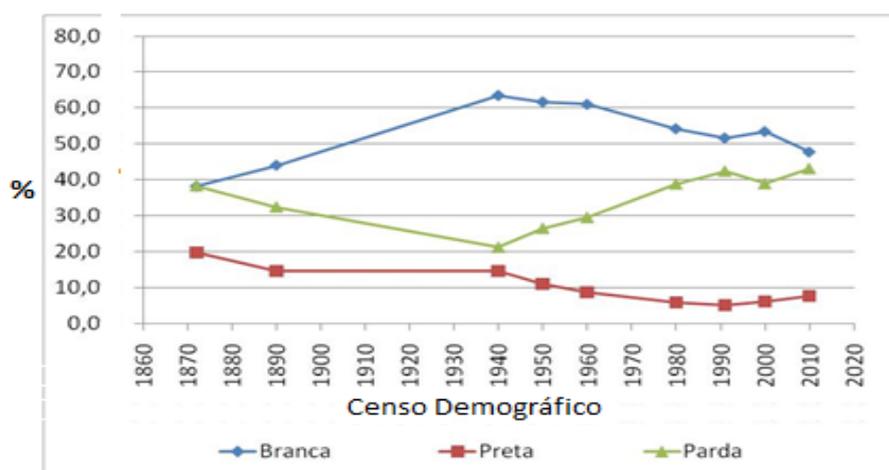


Figura 1 – Distribuição percentual da população ao longo dos censos Demográficos, por cor ou raça branca, preta e parda – Brasil – 1872-2010.

Segundo a figura 2, identifica-se um comportamento simétrico entre brancos e negros nos últimos censos demográficos no município do Rio de Janeiro. Os resultados mostram um declínio da população branca a partir do censo de 1960. Já a população negra apresentou nesses últimos censos um crescimento constante, diminuindo, a cada censo, a diferença com a população branca. A figura também mostra uma convergência percentual entre brancos e negros dentro do município através dos censos.

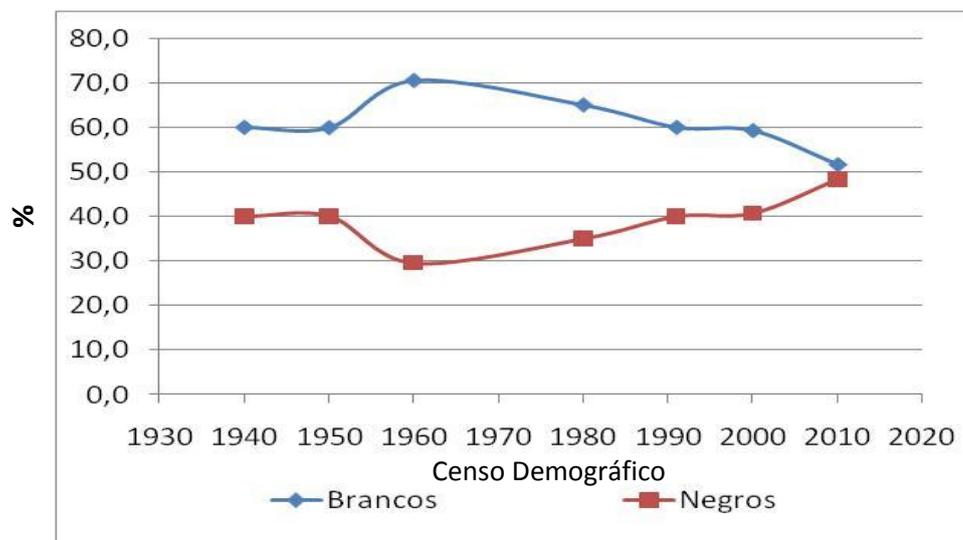


Figura 2 – Distribuição percentual da população ao longo dos censos Demográficos, por brancos e negros – Município do Rio de Janeiro, Brasil – 1940-2010.

8. RESULTADOS

Segundo os dados da amostra do Censo Demográfico 2010, realizado pelo IBGE, estima-se que 11.431.619 milhões de pessoas, residem em aglomerados subnormais. Segundo o Censo 2010, foram encontrados assentamentos irregulares, mais conhecidos como favelas, em 323 dos 5.565 municípios brasileiros, ou seja, em 5,6% dos domicílios brasileiros. Esses domicílios contêm 6,0% da população brasileira.

Segundo o IBGE (2011, p. 38), os estados da Região Sudeste concentravam quase 50% do total de domicílios brasileiros localizados em aglomerados subnormais, sendo 23% estavam localizados em São Paulo e 19% localizavam-se no Rio de Janeiro. A Região Nordeste congregava quase 29% de domicílios em aglomerados, com destaques para Bahia com pouco mais de 9% e Pernambuco com quase 8%. Já a Região Norte continha pouco mais de 14%, onde Pará concentrava 10%. As regiões com os menores índices de concentração de favelas foram as Região Sul com 5% e Região Centro-Oeste quase 2%.

No quesito cor ou raça no Censo 2010, mantiveram-se os padrões históricos de outros censos quanto à distribuição percentual da demografia brasileira. Os dados do Censo mostraram que permaneceu a predominância da população branca na Região Sul. Entretanto, houve uma incidência considerável da população negra na Região Nordeste, além do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Vale destacar também a concentração de pardos na Região Norte.

Alguns aspectos investigados nos resultados do Censo Demográfico 2010 mostraram uma rica diversidade racial. Segundo o IBGE (2010, p. 62):

Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostraram que viviam no País 91 milhões de pessoas que se classificaram como brancas, correspondendo a 47,7% em termos proporcionais. Cerca de 82 milhões de pessoas se declararam como de cor parda, o equivalente a 43,1%, e 15 milhões de cor preta, representando 7,6% do total. Aquelas que se classificaram como de cor amarela totalizaram quase 2 milhões, e 817 mil, como indígenas.

Na figura 3, observa-se a predominância da população branca na distribuição percentual no município do Rio e nas localidades fora da favela. Já dentro das favelas do município, existe a predominância da população negra com quase 70% de sua totalidade.

Deve-se ter, no entanto, certo cuidado com essa variável, já que é resultado de auto declaração ou declaração de quem responde os questionários sobre qual é a cor ou raça dos outros residentes do domicílio. Apesar disso, observa-se uma clara diferença entre favela e a não favela da População, ou seja, nos Aglomerados Subnormais (favelas) existem maiores proporções dos que se declaram (ou são declarados) negros ou pardos e menores proporções de brancos.

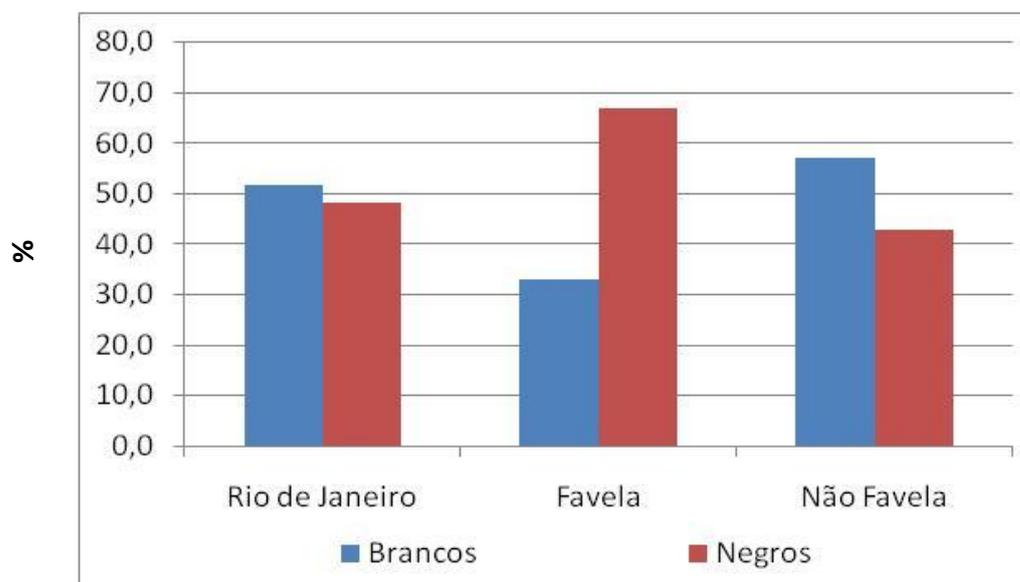
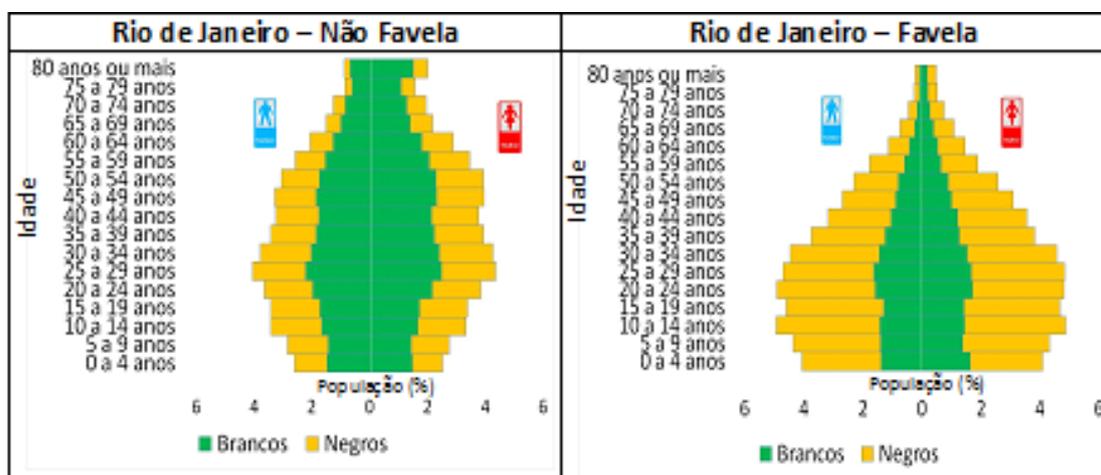


Figura 3 – Distribuição percentual da população residente, por total do município e tipo de setor, segundo brancos e negros – Município do Rio de Janeiro, Brasil – 2010.

A distribuição etária da favela apresenta a forma de uma pirâmide com uma base mais larga, que podem indicar uma elevada taxa de natalidade, e um topo estreito, que também pode sinalizar a consequência de uma mortalidade elevada e uma esperança média de vida reduzida, típico de áreas e países ainda não desenvolvidos. Porém, nessa composição dos grupos populacionais, a Rocinha aponta para uma forma do corpo da pirâmide mais adulta ou envelhecida em relação à média das favelas do município e ao Jacarezinho, com um aumento da faixa da população compreendida entre 20 a 34 anos em ambos os sexos, apresentando uma característica em consonância com a população da não favela no município do Rio de Janeiro, destacada na figura 4. Essa questão do corpo maior do que a base pode inferir para uma suposição sobre a queda na natalidade local, apesar dessa figura demonstrar que essa comunidade tem uma população ainda jovem em sua composição.

Contudo, a comunidade do Jacarezinho apresenta uma forma de pirâmide etária jovem, com base larga e topo estreito, típica de uma localidade onde se tem a maior a quantidade de jovens e a reduzida expectativa de vida. Além da base mais larga, a pirâmide do Jacarezinho apresenta também um corpo simular a base, na faixa da população de 20 a 34 anos em ambos os sexos, apresentando uma característica muito próxima com a população das favelas do município do Rio de Janeiro.

Esse comportamento da pirâmide das favelas do Rio de Janeiro, assim como a pirâmide da comunidade do Jacarezinho, pode inferir a ideia que essas localidades ainda possuem uma alta taxa de natalidade. Já o topo estreito nas favelas do município dá a ideia de uma esperança média de vida reduzida, representando uma população mais jovem.



(Continua)

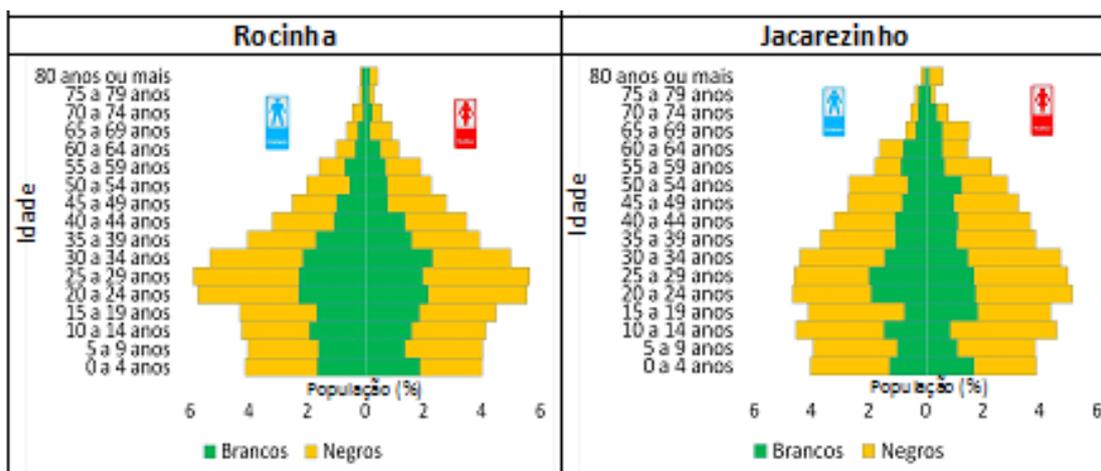
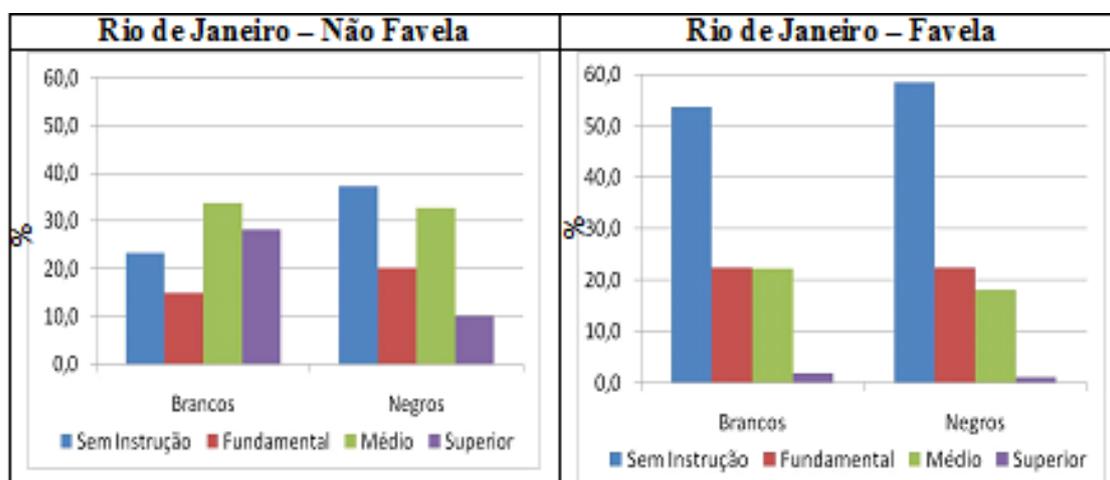


Figura 4 – Distribuição percentual da população residente, por localidade, idade e sexo, segundo brancos e negros – Município do Rio de Janeiro, Rocinha e Jacarezinho – Brasil – 2010.

Partindo-se para uma análise do nível de instrução por cor ou raça, a figura 5 mostra tanto na comunidade da Rocinha quanto no Jacarezinho que brancos e negros apresentaram altos índices de pessoas sem instrução ou nível fundamental incompleto, seguindo o padrão das favelas do Rio de Janeiro. Chama a atenção, a população negra em ambas as favelas que apresentou a maior porcentagem nesse nível, chegando a 60% da população negra na Rocinha que declararam-se o mais baixo nível de instrução categorizado. Tanto o nível fundamental completo quanto o nível médio completo apresentaram índices médios entre brancos e negros.

Portanto, apesar de apresentar certa similaridade nos percentuais em seus níveis de instrução, a comunidade do Jacarezinho apresenta o melhor cenário quanto ao nível de instrução do que a Rocinha.



(Continua)

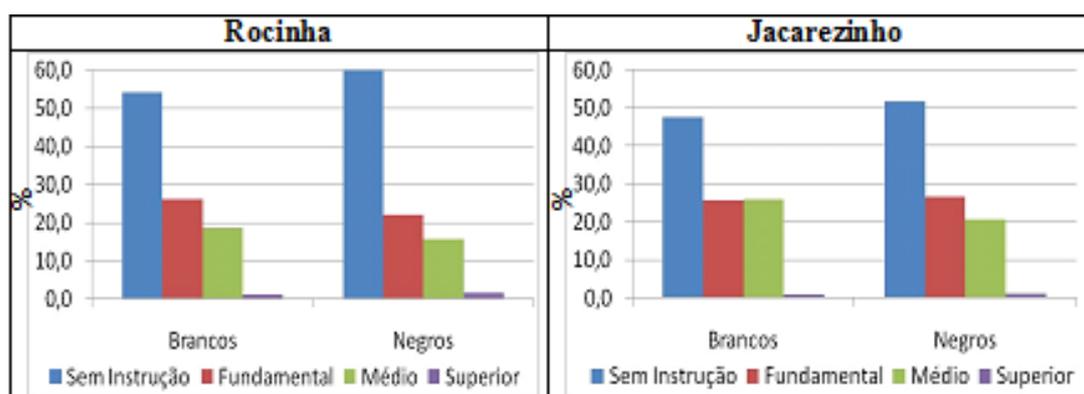


Figura 5 – Distribuição percentual da população residente de 10 anos ou mais de idade, por localidade, brancos e negros, segundo o nível de instrução – Município do Rio de Janeiro, Rocinha e Jacarezinho – Brasil – 2010.

Partindo para uma comparação mais profunda nas rendas média e mediana entre brancos e negros, na Tabela 1, quanto ao valor de rendimento total do morador, rendimento domiciliar total e rendimento domiciliar per capita, pode-se observar uma diferença relativa entre medidas estatísticas citadas nas três localidades.

Tabela 1 – Distribuição de Rendimentos mensais em aglomerados subnormais, por localidade, brancos e negros, média e mediana, segundo o tipo de rendimento – Município do Rio de Janeiro, Rocinha e Jacarezinho – Brasil – 2010.

Tipo de Rendimento em Julho/2010	Rio de Janeiro					
	Total		Branco		Negro	
	Média	Mediana	Média	Mediana	Média	Mediana
Rendimento Mensal Total	820,40	610,00	878,48	680,00	790,76	600,00
Rendimento Domiciliar	1748,27	1360,00	1869,78	1480,00	1687,69	1310,00
Rendimento Domiciliar Per Capita	465,55	366,67	517,37	402,00	439,72	345,00
	Rocinha					
Rendimento Mensal Total	826,20	700,00	815,18	650,00	833,16	700,00
Rendimento Domiciliar	1720,62	1400,00	1686,63	1370,00	1740,77	1400,00
Rendimento Domiciliar Per Capita	510,86	425,00	528,06	450,00	500,97	412,50

(Continua)

	Jacarezinho					
Rendimento Mensal Total	802,78	600,00	928,09	700,00	733,84	600,00
Rendimento Domiciliar	1759,93	1300,00	2027,39	1488,00	1620,56	1200,00
Rendimento Domiciliar Per Capita	452,83	350,00	567,44	420,00	394,91	320,00

Fonte: IBGE. Microdados do Censo Demográfico 2010.

A diferença mais relevante e intrigante desses rendimentos está na população negra na comunidade da Rocinha, onde encontramos rendimentos médios e medianos maiores do que a população branca, tanto no rendimento mensal do morador quanto do domicílio.

Além dessas características descritas anteriormente, os dados apresentados na tabela 2, mostram parte da composição de infraestrutura urbana onde quase todos os domicílios nas favelas possuem fornecimento de energia elétrica de companhia distribuidora e com rede geral de água canalizada. Porém, apesar desses bons indicadores, ainda percebe-se índices menores no atendimento a rede geral de esgoto, exceto a comunidade do Jacarezinho que apresentou índices muito qualificativos (97,0%). Quanto à coleta de lixo, esse serviço dentro das favelas ainda é precário, onde pouco mais da metade de sua população está sendo atendida por empresa de serviço de limpeza regularmente. Ainda tem-se um percentual relativamente mediano do serviço da coleta de lixo, sendo realizada majoritariamente através de caçambas de empresas de coleta públicas ou privadas.

Tabela 2 – Distribuição percentual de domicílios em aglomerados subnormais, por localidade, segundo as características do domicílio – Município do Rio de Janeiro, Rocinha e Jacarezinho – Brasil – 2010.

Características do domicílio	Rio de Janeiro (%)	Rocinha (%)	Jacarezinho (%)
Rede geral de esgoto	84,6	84,2	97,0
Rede geral de água	96,3	98,7	98,5
Lixo coletado por serviço de limpeza	58,5	17,8	42,8
Lixo coletado por caçamba do serviço de limpeza	38,9	80,3	51,2
Energia elétrica	95,3	98,5	99,5

Fonte: IBGE. Microdados do Censo Demográfico 2010.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse artigo foi apresentar um perfil das condições de vida nos aglomerados subnormais no município do Rio de Janeiro, tendo como foco a população negra, utilizando as comunidades da Rocinha e do Jacarezinho como parâmetro na busca de hipóteses que identificassem algumas particularidades existentes, inclusive, entre favelas, a partir de dados do Censo Demográfico 2010.

Os resultados obtidos permitem apontar alguns traços presentes no processo de desigualdade social nos espaços da favela. Foi possível verificar a existência de diferenciais consideráveis entre Rocinha e Jacarezinho, principalmente, quanto à renda, escolaridade e oferta de serviços públicos.

A literatura, conforme destacadas nesse artigo, mostra que a população negra, formada por pretos e pardos, vem enfrentando o preconceito e a discriminação ao longo dos anos, o que pode ser constatado nos dados das estatísticas oficiais. Foi preciso compreender melhor essa discriminação no plano das relações raciais em nossa sociedade para avaliar o rumo dessas relações.

Foi possível estabelecer algumas situações de caráter preliminar com relação às características específicas apresentadas por duas comunidades selecionadas.

A Rocinha afirma sua imagem de “espaço” favorável à sua inserção territorial, com seu lócus privilegiado numa região abastada da cidade, apresentando uma capacidade na vida urbana metropolitana pautada na prestação de variado leque de serviços. Dentre os serviços, podemos citar: rede comercial variada, instituições bancárias, academias, templos religiosos, imobiliárias, profissionais liberais, e instituições de ensino superior.

No entanto, o Jacarezinho parece enfrentar dificuldades de inserção numa ótica voltada para uma reestruturação industrial e marcada por profundas mudanças de caráter excludente no mercado de trabalho. A precarização do seu espaço se deu a partir da década de 1980, onde até então era constituído por um importante polo fabril que marcou a formação e o desenvolvimento da comunidade. Portanto, a partir da crise econômica presente dessa década, há uma degradação de sua territorialidade e acarreta em conflitos socioeconômicos associados ao empobrecimento de sua população.

Ressalta-se que as favelas da Rocinha e do Jacarezinho estão em posições geográficas opostas e, da mesma forma, possuem características econômicas

antagônicas. Neste sentido, verificam-se trajetórias históricas diferentes entre si, que talvez ajudem a desconstruir os estigmas vinculados à marginalidade e à pobreza urbana.

A partir das análises estatísticas, buscou-se entender esse perfil demográfico, socioeconômico e de infraestrutura das favelas do Rio de Janeiro, baseado no último Censo Demográfico, procurando identificar as características distintas entre os espaços “favela” e “não favela” no município do Rio de Janeiro.

Através das análises entre brancos e negros, os dados apontaram para uma grande concentração de moradores negros nas favelas do município.

Segundo o formato etário, pôde-se observar a favela como um espaço com uma população local jovem e com um desenvolvimento etário inferior a não favela, além de apresentar uma base mais jovem na população negra.

No geral, a renda da população branca tende a ser superior à renda da população negra, além de apresentar uma escolaridade melhor, principalmente fora da favela.

Porém, os dados da amostra do Censo apontaram para uma especificidade intrigante onde a média e mediana do total de rendimento mensal do morador, além do total mensal do domicílio, dos negros da Rocinha são maiores do que a sua população branca. Essa característica destoia da distribuição de renda das demais localidades onde a população branca tem um rendimento maior.

As análises estatísticas também mostram que na comunidade da Rocinha, a renda média e mediana mensal do morador, do total do domicílio e da renda per capita domiciliar da população negra é maior do que os rendimentos de negros do Jacarezinho e das favelas do Rio de Janeiro.

Basicamente, as favelas apresentaram um grau de escolaridade mais concentrado nos níveis mais baixos de instrução – sem instrução ou fundamental incompleto e fundamental completo. Enquanto nas localidades fora da favela estão com a distribuição dos percentuais de instrução mais concentrados nos níveis mais altos – ensino médio e superior –, principalmente a população branca.

Os dados apontaram que a comunidade do Jacarezinho apresentou níveis de instrução razoavelmente melhor do que a Rocinha e as favelas do município, com um nível percentual menor na classificação “sem instrução ou nível fundamental incompleto”, além de percentuais mais elevados dos níveis fundamental e médio

completo. O nível superior completo apresentou os menores níveis de conclusão, muito abaixo dos percentuais apresentados na localidade fora das favelas.

No geral, observou-se, na Rocinha e no Jacarezinho, um alto percentual de oferta de serviços de rede geral de esgoto, rede geral de água e de energia elétrica. Esses serviços alcançaram índices próximos à média do município do Rio de Janeiro. Já a coleta de lixo apresentou índices de cobertura melhor na comunidade do Jacarezinho.

Embora o estudo indique que os níveis do serviço de lixo encontrados no Jacarezinho sejam melhores do que aqueles encontrados na Rocinha, ainda estão bem abaixo da média do município para o serviço de coleta direta por esse serviço de limpeza.

Na Rocinha, constatou-se que apenas 17,8% da comunidade possui serviço de coleta regular de lixo por serviço de limpeza. Pouco mais 80,0% dos domicílios tem o lixo coletado através de caçamba do serviço de limpeza, condição diametralmente oposta à encontrada no município do Rio de Janeiro.

Certamente, o serviço de fornecimento de energia elétrica no domicílio é o melhor indicador de infraestrutura urbana, tanto para a Rocinha quanto para o Jacarezinho, onde quase a totalidade dos mesmos encontra-se—ligado à rede distribuidora.

Ao final, foi possível observar que, apesar das características distintas entre favela e não favela, os dados analisados apontam que o conjunto de favelas do município do Rio de Janeiro apresenta algumas especificidades. Cada favela tende a possuir características diferentes específicas que devem ser levadas em consideração no momento das conclusões.

Portanto, observando-se as características comuns e distintas de rendas, níveis de instrução, composição etária, infraestrutura urbana e outras, entre duas das maiores favelas do Rio de Janeiro, deve-se levar em conta a especificidade de cada espaço e abordar hipóteses que ajudem a construir esse perfil sócio demográfico.

Enseja-se num futuro próximo, ampliando o escopo desse artigo, aprofundar os estudos e suas interpretações abarcando outras variáveis e, se possível, outras bases de dados. Assim, espera-se que essa pesquisa sirva como um quadro de referência para trabalhos futuros que envolvam o estudo das desigualdades sociais existentes dentro de um mesmo território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA PINTO, L. A. **O negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança**. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.

DAVIS, M. **Planet of slums**. Nova York: Verso, p. 20-49, 2007. Disponível em: http://rebels-library.org/files/planet_of_slums.pdf. Acesso em: 26 jan. 2016.

IBGE. **Censo Demográfico 2010. Aglomerados subnormais: primeiros resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd_2010_aglomerados_subnormais.pdf. Acesso em: 5 mar. 2016.

_____. **Censo Demográfico 2010. Resultados Gerais da Amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/99/cd_2010_resultados_gerais amostra.pdf. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. **Metodologia do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/metodologia/metodologia_censo_dem_2010.pdf. Acesso em: 29 mar. 2016.

LEEDS, A.; LEEDS, E. Favelas e comunidade política: a continuidade da estrutura de controle social. In: **A sociologia do Brasil urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 186-263, 1978.

OLIVEIRA, J. S. Repensando a questão das favelas. In: **Revista Brasileira de Estudo de População**, v. 2, n. 1, p. 9-30, 1985.

_____.; AJARA, C.; LA CROIX, L. M. Impactos da reestruturação econômica nas favelas cariocas: trajetória e paradigmas. In: **A ENCE aos 50 anos : um olhar sobre o Rio de Janeiro** / Escola Nacional de Ciências Estatísticas. – Rio de Janeiro : IBGE, 2006.

ROCHA, A. **Cidade cerzida: a costura da cidadania no Morro Santa Marta**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

VALLADARES, L. **A Gênese da Favela Carioca. A produção anterior às ciências sociais**. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.15, n. 44, p. 5-34, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4145.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2016.